



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MOISES AZEVEDO DE SANTANA

O CONTEXTO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA NOS SÉTIMOS ANOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM FILADÉLFIA - BA

SENHOR DO BONFIM - BA

2022

MOISES AZEVEDO DE SANTANA

**O CONTEXTO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA NOS SÉTIMOS ANOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM FILADÉLFIA - BA**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Vale do
São Francisco – UNIVASF, Campus Senhor do Bonfim,
como requisito para obtenção do título de Licenciatura
em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Rodrigues

SENHOR DO BONFIM

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

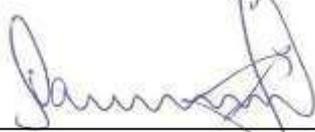
MOISES AZEVEDO DE SANTANA

**O CONTEXTO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA NOS SÉTIMOS ANOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM FILADÉLFIA – BA**

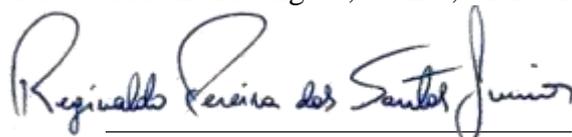
Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Aprovado em: 09 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Marco Aurélio Rodrigues, CGEO, UNIVASF (Orientador).



Prof. Dr. Reginaldo Pereira dos Santos Júnior, CGEO, UNIVASF.



Prof. Dr. Sirius Oliveira Souza, CGEO, UNIVASF.

RESUMO

O município de Filadélfia-BA está localizado no centro norte do estado e distante 350 quilômetros da capital, Salvador. O município possui uma população estimada em 16 mil habitantes e está inserido em uma região semiárida. O presente trabalho tem objetivo de analisar as abordagens do semiárido brasileiro no livro didático de Geografia dos sétimos anos das escolas municipais de Filadélfia-BA. A metodologia adotada consistiu na pesquisa bibliográfica, definição do livro didático de Geografia dos sétimos anos do ensino fundamental II como material a ser analisado, pesquisa junto à Secretaria Municipal de Educação para identificar quais os livros adotados nos sétimos anos do ensino fundamental II no município de Filadélfia-BA, leitura do livro, seleção de todo o conteúdo que aborda o tema semiárido brasileiro e as respectivas análises dos temas abordados. Os resultados indicam que há uma interpretação muito superficial do semiárido, mas que o livro traz conteúdos importantes e devem ser melhor discutidos em sala de aula.

Palavras-chave: Geografia; Livro Didático; Semiárido.

ABSTRACT

The city of Filadélfia-BA is located in the center of the north of the state and 350 kilometers away from the capital, Salvador. The municipality has an estimated population of 16 thousand inhabitants and is located in a semiarid region. The present work aims to analyze the approaches of the Brazilian semiarid in the textbook of Geography of the seventh years of municipal schools in Filadélfia-BA. The adopted methodology consisted of bibliographical research, definition of the Geography textbook of the seventh years of elementary school II as material to be analyzed, research with the Municipal Education Department to identify which books were adopted in the seventh years of elementary school II in the city of Filadélfia-BA, reading of the book, selection of all the content that addresses the Brazilian semi-arid theme and the respective analysis of the topics covered. The results indicate that there is a very superficial interpretation of the semiarid region, but that the book has important contents and should be better discussed in the classroom.

Keywords: Geography; Textbook; Semiarid.

Introdução

A disciplina de Geografia no ensino fundamental tem como objetivo fornecer uma formação cidadã. Para isso, é necessário prover uma educação que possibilite aos estudantes compreender o espaço de convívio e conseqüentemente transformá-lo (MACÊDO, 2015). Silva e Silva (2012) afirmam a importância de trabalhar com as experiências locais ao enfatizar que propiciar ao estudante uma análise do espaço geográfico, é permitir uma aproximação com sua realidade. Assim, ao visualizar sua inserção no contexto local o discente poderá compreender o contexto regional, nacional e global, para auxiliar nessa tarefa, o livro didático é um fundamental instrumento.

Dessa maneira, o livro didático é um utensílio que faz a seleção de fontes e conteúdos especificamente para fins da educação escolar, sendo que esse material faz a ordenação dos conteúdos, mostra as temáticas relevantes, fornece elementos e contribuições para formação crítica dos estudantes a partir de sua interpretação. Desse modo, além de fornecer os conteúdos, faz um direcionamento para o docente (MOURA, 2019).

Segundo Oliveira (2014) o livro didático é o material mais utilizado nas escolas. Às vezes entendido como o recurso principal, outras como apenas um recurso auxiliar no ensino aprendizagem, mas o fato é que ele sempre está presente no processo de ensino aprendizagem. Bittencourt (1997) resume o livro didático a uma mercadoria, mas também a um excepcional recurso didático que possibilita transposição de conhecimentos relevantes de uma sociedade em um determinado tempo.

Nessa premissa, o livro didático tem que proporcionar uma diversidade de conhecimentos (ALVES, 2017). Portanto, deve-se ter o maior cuidado possível ao escolhê-lo, visto que este material em algumas ocasiões pode ser um disseminador de conceitos preconceituosos e equivocados. Desse modo, fazer uma análise do referido não é uma atividade fácil, visto que eles carregam um teor político e comercial (SILVA, 2006).

Um dos temas abordados no livro didático de Geografia no ensino fundamental é o semiárido brasileiro que se estende pelos nove estados da Região Nordeste e no norte de Minas Gerais; com índice de pluviométrico médio de 800 mm anual. O semiárido ocupa 12% do território nacional e abriga cerca de 28 milhões de habitantes (MOURA, 2019).

A região semiárida é marcada pela insuficiência e irregularidade de chuvas (MARINHO, 2006), e são esses fenômenos naturais que mais caracterizam esta região, apesar de ser o semiárido mais chuvoso do mundo. Dessa maneira, esta região muitas vezes foi tratada como lócus de miséria, pobreza e chão rachado, mas hoje é visto como uma região de

possibilidades. Esta atual visão é desenvolvida desde a década de 80 e tenta por fim a lógica de combate à seca e crescimento econômico conservador, pautando-se então em uma convivência com semiárido e um crescimento econômico sustentável (SILVA, 2006).

Por outro lado, o semiárido não pode ser entendido apenas com o foco físico, mas também como um encadeamento social que se desenvolveu de uma mestiçagem e de um hibridismo cultural (MATTOS, 2004). Visto que o sertanejo possui sua cultura, cantos, poesia, literatura, comunicação carregados de um simbolismo de pertencimento à semiaridez (CARVALHO, 2011).

À vista disso, as escolas do semiárido brasileiro devem trabalhar não somente temáticas como globalização, centros urbanos, ciclo de café, floresta amazônica, mas também sobre a caatinga, umbu, cisterna, carro de boi, roça, reutilização da água, poesias e músicas nordestinas. Consequentemente, tendo uma educação de pertencimento no semiárido (SILVA, 2012)

Nesse sentido, é de extrema importância o desenvolvimento de práticas que viabilizem a construção profunda de saberes sobre essa região uma vez que a escola contribui para uma melhor formação intelectual, social e cultural do aluno. E é sob essa perspectiva que reside à viabilidade, justificativa e importância da presente pesquisa, pois a introdução dos conteúdos voltados para o semiárido nordestino no ensino fundamental não somente inclui objetivos voltados para a formação de conceitos, mas também para a formação de valores, atitudes e procedimentos que estão inseridos nos conhecimentos que são abordados em sala de aula (MESQUITA; NASCIMENTO, 2009).

No contexto brasileiro, Silva (2011) pesquisou sobre o semiárido nos livros didáticos no estado da Paraíba, mais precisamente nas escolas do Sistema Municipal e Estadual de Ensino do Município de Sumé-PB. O autor procurou analisar a abordagem do semiárido nos livros didáticos de História e Geografia nas escolas citadas contrastando com os princípios da Educação para a Convivência com o Semiárido, chegando à conclusão de que os livros ainda possuem uma abordagem do semiárido como uma região problemática, de misérias.

Ainda na Paraíba, mas nos municípios de Paulista e São José, Moura (2019) também pesquisou sobre o semiárido brasileiro nos livros didáticos. O autor, em sua pesquisa de cunho bibliográfico investigativo, interpretou como estão dispostas as imagens, a linguagem e a cultura do semiárido brasileiro nos livros didáticos e o resultado dessas análises foi que apesar dos avanços, o semiárido ainda continua sendo retratado como uma região atrasada por causa de seu clima.

No Ceará, Faria e Marquesan (2016) pesquisam sobre a educação contextualizada no Semiárido Nordeste nas escolas do município de Sobral. Os autores citam na sua pesquisa

que há um entendimento sobre a relevância da contextualização no ensino, mas ainda não é plenamente difundida essa metodologia nas escolas do semiárido nordestino; destacou-se também que há incentivos internos e externos nas escolas nordestinas para ter uma educação de convivência com o semiárido, todavia tem um longo caminho a ser percorrido até que essa política faça efeito no cotidiano dos discentes.

Diante do cenário citado, o objetivo do presente trabalho é compreender de que forma o livro didático de Geografia dos sétimos anos do ensino fundamental II aborda o semiárido brasileiro, a partir do contexto das escolas públicas municipais de Filadélfia - BA.

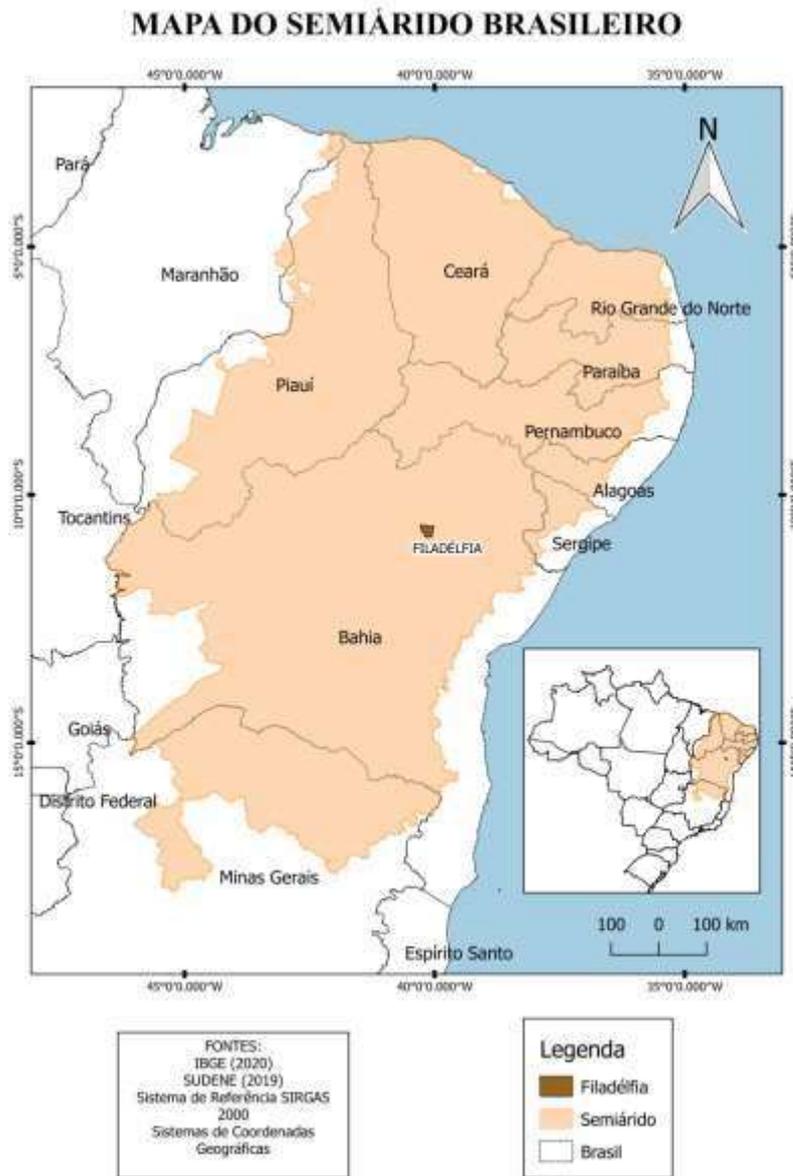
Revisão de literatura

Bittencourt (2004) diz que o livro didático é um recurso importante e de prestígio nas escolas, pois provê, organiza e sistematiza conteúdos, além disso traz metodologias de abordagem dos conteúdos para ser trabalhado em sala e muitas das vezes é o único material disponível para os estudantes. Nessa premissa, percebe-se que em muitas ocasiões o livro não é apenas um material de apoio, mas também um auxiliador de planejamento do professor, visto que apresenta um roteiro a ser seguido (CALLAI, 2013).

Entretanto, deve-se ter uma atenção com os livros didáticos, dado que esses materiais são expressões de visão de mundo dos próprios autores, a qual pode não conduzir com a realidade (CHOPPIN, 2004). Diante dessa situação, é necessário ter um olhar crítico ao livro didático e não de submissão, principalmente quando o assunto é o semiárido brasileiro, visto que esses recursos pedagógicos podem repassar uma visão homogênea de miséria da região do semiárido (SILVA, 2011).

O semiárido brasileiro possui uma área de 912 mil quilômetros quadrados (Figura 1), neste espaço vivem cerca de 28 milhões de pessoas que equivale a 46% da população Nordestina e 13% da Brasileira. Embora tenha irregularidade de chuvas, o semiárido brasileiro é o mais chuvoso do planeta, visto que possui uma precipitação que varia de 250 mm/ano a 800 mm/ano. Apesar de sua configuração física, o semiárido também é uma divisão sociopolítica, pois esta região é beneficiada por incentivos do governo federal e isso faz com que se gere determinados interesses políticos (SILVA, 2011).

Figura 1 – Mapa de delimitação do semiárido brasileiro.



Fonte: Organizado pelo autor, 2021.

Farias e Marquesan (2016) ainda completam que por possuir uma precipitação que varia de 270 mm e 800 mm, com temperaturas elevadas e fortes taxas de evapotranspiração, o semiárido foi reduzido a uma região improdutivo, onde não há chuvas, seus habitantes tem dificuldade de conseguir seus sustentos e não possuem perspectivas de crescimento.

Entretanto, deve-se salientar que a estigmatização do semiárido não é um problema recente, desde o início da colonização, o semiárido enfrenta, além dos problemas climáticos, ausência de políticas públicas efetivas que tenham o objetivo de possibilitar uma convivência melhor nesta região, assim transformando-a em uma região de desigualdades, a partir dessa

assimetria cria-se uma visão equivocada de região seca e inóspita do semiárido (FARIAS, MARQUESAN, 2016).

Essa abordagem de uma região seca e inóspita foi amplamente divulgada pelas elites dos poderes econômicos e políticos do nordeste para que pudessem barganhar nos órgãos públicos recursos financeiros que muitas vezes não chegavam ao povo (SILVA, 2011). Albuquerque (1999) enfatiza que a construção do nordeste pobre presente no imaginário das pessoas é resultado de artimanhas das elites econômicas e políticas com intuito de atender seus próprios interesses.

Diante dessa situação, a imagem conservadora do semiárido foi crescendo com passar dos anos em obras e narrações, a exemplo a obra *Os Sertões* (1906) de Euclides da Cunha e o discurso do próprio sertanejo (MOURA, 2019). Conti (2013) explica que uma das finalidades das práticas conservadoras do semiárido foi fazer o seu povo acreditar em sua própria incapacidade e na inviabilidade da dessa região. Em vista disso, apesar do semiárido nos últimos anos apresentar outras representações, esta região ainda sofre muitos preconceitos originados dessa dialética elitista conservadora (SILVA, 2014).

Percebe-se então que o semiárido brasileiro foi reduzido historicamente a um espaço de atraso, hostil por causa do seu clima, porém a relação de pobreza relacionada ao clima não é suficiente, dado que também existia esse problema na zona da mata, uma região de clima tropical. Desta forma, o tempo mostra que as ações intervencionistas colocadas em práticas pelos governantes foram de fato as precursoras desses problemas sociais do semiárido, e não somente o clima (MENEZES, 1999).

Embora exista essa perspectiva histórica de região atrasada, o discurso narrativo do Nordeste começou a mudar na década de 80, com a inserção de novos atores sociais para a produção e organização do território do semiárido, uma nova concepção de crescimento econômico e abertura de reflexões e debates por parte da sociedade civil. Diante desse cenário, o discurso de convivência com o semiárido ganha ênfase e articulações são criadas com objetivo de cobrar, sugerir e implantar ações para um desenvolvimento econômico sustentável para o semiárido, ou seja, um local que há sim possibilidade de crescimento (CARVALHO, 2011).

Carvalho (2012) destaca que o semiárido do século XXI ainda é demarcado por forte exclusão social, mas também por um desenvolvimento de posicionamento crítico e propositivo da sociedade civil. Este segmento social foi forjado nas lutas contra a pobreza, as injustiças sociais e a intervenções estatais pouco efetivas. Assim, pressionando os governos a democratizar uma convivência com semiárido.

Malvezzi (2007) explica que o ponto chave da convivência com o semiárido está em entender como o clima funciona e procurar alternativas para adequar-se a ele. Logo, não está presente mais uma teoria de combate, mas sim de adaptação inteligente. Esta nova narrativa tem o intuito de mudar as relações entre homem e natureza, isto significa que há uma interferência no ambiente, mas de forma sustentável.

Nessa conjuntura, prover ações políticas eficientes de convivência com semiárido é essencial para desenvolvimento desta região, sendo que umas dessas intervenções que mostram ser produtivas são as voltadas para o acesso a água potável, a exemplo o Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (PIMC), que a partir da metodologia desenvolvida pela Associação do Semiárido Brasileiro (ASA), educa a população a armazenar água em cisternas construídas pelo projeto em épocas de precipitação. Outra alternativa de políticas públicas eficazes é a introdução de uma educação contextualizada nas escolas semiáridas, visto que com esse modelo educacional é factível desenvolver a consciência de crescimento sustentável da região, ou seja, contrapondo uma visão de impossibilidade de crescimento do semiárido defendida há anos (FARIAS, MARQUESAN, 2016).

Todavia, o discurso de combate à seca e de uma região atrasada ainda persiste nos livros didáticos (MOURA, 2019). Sá (2019) diz que apesar de os livros atuais virem com textos que falam sobre convivência com o semiárido, esses materiais disponibilizados pelo sistema regular de ensino insistem em mostrar imagens que remetem a uma visão tradicionalista e arcaica do semiárido.

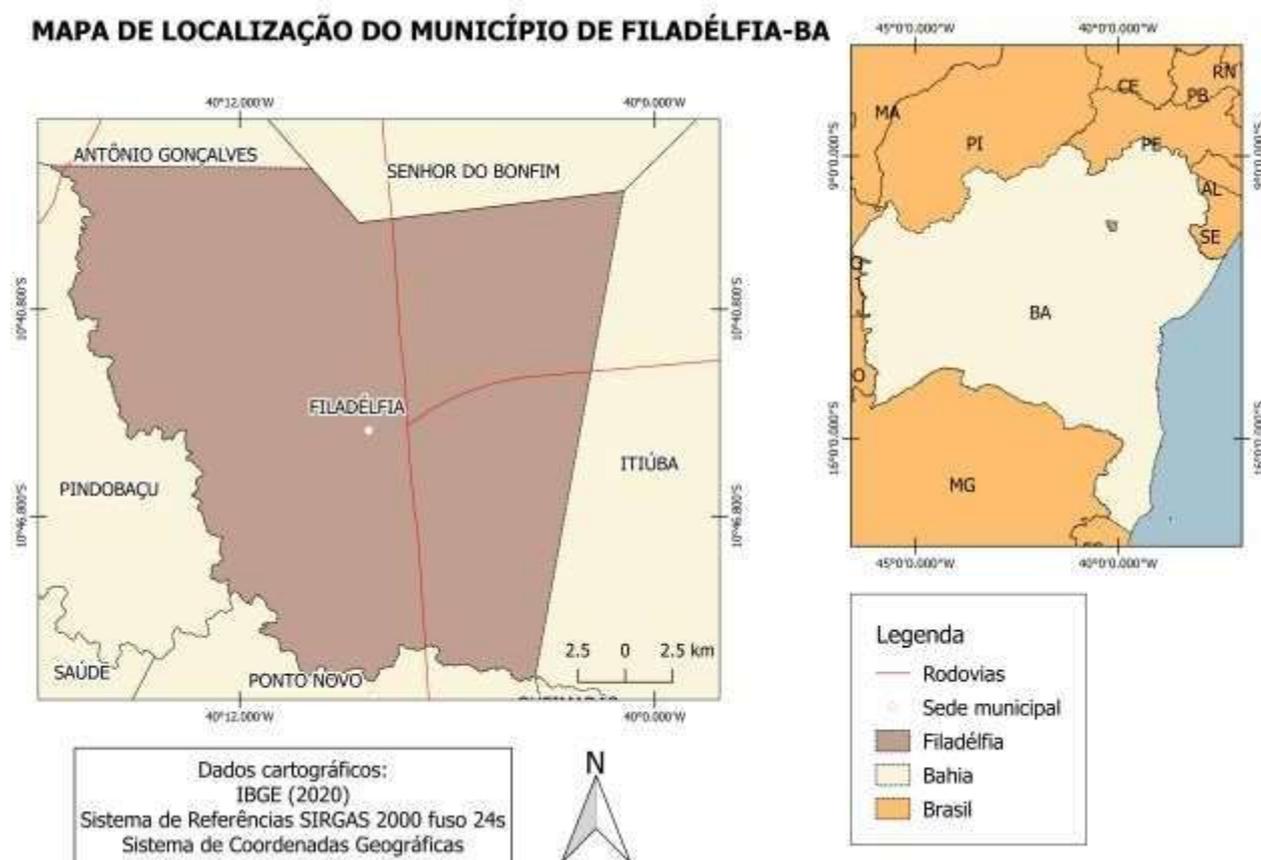
É importante ressaltar também que os livros didáticos regularmente negligenciam a cultura do semiárido brasileiro, discutindo a região apenas dos vieses físicos e econômicos. No entanto, é necessário abordar a cultura dessa região, posto que o semiárido apresenta um movimento de história natural e humana (SILVA, 2011). Moura (2019) ratifica a importância da cultura do semiárido ao dizer que esta região é um espaço de resistência, símbolos e rituais heterogêneos. Na religião do semiárido possui diversidade de origens, entre elas estão a europeia, indiana e africana que são representadas em cânticos, romarias, santuários e festas de santos. Portanto, o semiárido trata-se de um local que serve de estímulo para uma produção cultural genuinamente brasileira, nordestina. Neste âmbito, o semiárido não pode ser reduzido aos aspectos físicos e econômicos.

Diante desses fatos, é necessário entender que o livro didático às vezes deve ser entendido apenas como um subsídio pedagógico, e frequentemente pode ser ampliado e até mesmo ser substituído (SILVA, 2011).

Caracterização da Área

O município de Filadélfia (Figura 2) localiza-se no centro-norte do estado da Bahia, estando inserido no Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru. A área total do seu território é de 579,686 km² (IBGE, 2020), tendo como limites os municípios de Itiúba, Ponto Novo, Pindobaçu, Senhor do Bonfim e Antônio Gonçalves. A sede do município de Filadélfia está distante 350 quilômetros (km) de Salvador, capital estadual, e 30 km da cidade de Senhor do Bonfim. Atualmente, o município possui uma população estimada de 16.314 pessoas, assim possuindo uma densidade demográfica de 29,36 hab/km² (IBGE, 2020).

Figura 2 – Filadélfia (BA) – Mapa de localização do município.



Fonte: Organizado pelo autor, 2021.

Filadélfia, no último censo, registrou 0,565 de Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM, apresentando um aumento de 229% em referência ao índice 0,246 de 1991. Nota-se que esse aumento foi superior à média nacional de crescimento do IDHM que foi de 47,3% para o mesmo período (IBGE, 2010).

Economicamente, em 2018, o Produto Interno Bruto-PIB per capita de Filadélfia foi de R\$ 7.291,65, o salário médio mensal para os trabalhadores formais era de dois salários mínimos, sendo que apenas 6,5% da população era ocupada. Comparando com os municípios do estado da Bahia, Filadélfia ocupava a posição 294º de 417º no mapeamento de municípios com maiores taxas da população ocupada (IBGE, 2019). Diante desses dados, infere-se que há uma carência de geração de empregos no município.

No âmbito educacional, o município possui uma taxa de escolarização de crianças com 6 a 14 anos de idade de 98,4% (IBGE, 2010). Sendo que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental da rede pública obteve uma nota de 4,2, em contrapartida os anos finais da rede pública obtiveram 3,7 (IBGE, 2019). No ano de 2020 o município teve 3.371 estudantes matriculados nas instituições de ensino do seu território, sendo que 2.721 matriculados no ensino fundamental e 650 no ensino médio (IBGE, 2020).

O número total de docentes do município é 173, sendo que 153 atuam no ensino fundamental e 23 no ensino médio. Já instituições de ensino, o município possui uma concentração de escolas de ensino fundamental, sendo 17, em contrapartida apenas uma de ensino médio (IBGE, 2020).

Metodologia

O método utilizado na pesquisa foi o descritivo, que de acordo com Barros e Lehfeld (2007) a partir desse método é possível realizar o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos de forma qualitativa.

Nessa perspectiva e em conexão com o método descritivo se buscou fundamentação na abordagem qualitativa, uma vez que este trabalha com um leque de interpretação, sucção, motivos, crenças, valores e comportamentos, o que permite então uma interação mais profunda dos processos e fenômenos analisados (MINAYO, 2001).

Sendo assim, na primeira etapa, reportou-se à pesquisa bibliográfica por permitir um maior aprofundamento do tema e por seguinte uma ampliação de aprendizado do objeto de estudo do presente trabalho (FONSECA, 2002).

Na segunda etapa, foi definido o livro de Geografia dos sétimos anos do ensino fundamental II como material a ser analisado, visto que é no sétimo ano que as regiões do Brasil são estudadas para a compreensão da formação territorial brasileira (BRASIL, 2018).

Na terceira etapa, foi realizada pesquisa junto a Secretaria de Educação do município para identificar quais os livros adotados no sétimo ano do ensino fundamental II das escolas

públicas municipais. As escolas municipais de Filadélfia adotam livro didático único por série para todas as escolas, isso significa que todos os sétimos anos das escolas públicas possuem o mesmo livro didático, sendo este: Convergências Geografia, livro do 7º ano, da editora SM educação, organizado pela autora Valquíria Pires Garcia em 2018.

Cabe acrescentar que Valquíria Pires Garcia é licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL-PR, mestra em geografia pela UEL-PR e professora da rede pública de Ensino Fundamental e, lógico, autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental (GARCIA, 2018)

Na quarta etapa foi realizada a leitura do livro, a seleção de todo o conteúdo que aborda o tema semiárido brasileiro e as análises dos temas abordados. Essas análises começaram de um fichamento dos tópicos que aborda o semiárido, assim observando de qual maneira e perspectiva a autora do livro discute o semiárido.

Resultados e discussão

O livro didático Convergências Geografia do sétimo ano da autora Valquíria Pires Garcia está organizado de acordo com seguintes unidades: O Brasil e o seu território, população brasileira, o espaço rural e o espaço urbano no Brasil, região Norte, região Nordeste, região Sudeste, região Sul e região Centro-Oeste (GARCIA,2018).

Essas unidades são divididas em capítulos, estes subdivididos em tópicos. As unidades começam com imagens ilustrativas no intuito de fazer uma síntese do que será trabalhado. Nessa perspectiva, ao ler o livro, foi constatado que o material não aborda a região do semiárido especificamente, mas sim em tópicos dos capítulos da unidade da Região Nordeste.

Desse modo, o livro Convergências Geografia ao explicar o módulo da Região Nordeste, na página 160, apresenta inicialmente o Nordeste brasileiro através dos aspectos naturais, isto é, enfatiza a diversidade de vegetação, relevo, clima e paisagens. Portanto, o livro citado elucida o fato de o Nordeste ser uma região heterogênea, e não homogênea.

Na página 161, o livro aborda o tópico Clima e vegetação explicando que o Nordeste possui clima em geral com temperaturas elevadas durante todo o ano. Sendo que o clima semiárido está presente no interior da região e apresenta uma concentração de precipitação média de 300 mm a 500 mm em poucos meses do ano.

Observa-se, também na página 161, que de acordo com o mapa ilustrado sobre os climas da região Nordeste o semiárido está nos estados do Piauí, Ceará. Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Entretanto, ao analisar o mapa, infere-se que clima semiárido não está presente no estado do Maranhão e na parte central da Bahia, portanto um

erro. Outro fato importante, é que essa delimitação equivocada do semiárido faz com que os alunos pensem que o clima do semiárido está presente apenas no Nordeste, e não no Sudeste mais precisamente no norte do estado de Minas Gerais. Diante desses fatos, ocasionando uma delimitação equivocada do semiárido.

Portanto, é fundamental que o livro didático trabalhado nas escolas mostre a verdadeira delimitação do semiárido brasileiro que de acordo com a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE (2017) está nos estados da Bahia, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Pernambuco, Piauí, Ceará e na porção norte de Minas Gerais. Essa delimitação correta nos livros didáticos é fundamental para não haver disseminação de que apenas a Região Nordeste possui o clima semiárido.

Garcia (2018) explica que essas características climáticas do semiárido são ideais para a formação e desenvolvimento da vegetação caatinga que resiste a longos períodos de estiagem. A autora do livro destaca o fato de algumas plantas dessa vegetação perderem suas folhas para suportar a falta de água nos períodos de seca.

Na página 161, a autora apenas informa que a caatinga “é uma vegetação adaptada e resistente ao clima quente e seco.[...] Nos períodos de seca, a vegetação tem um aspecto esbranquiçado. Após as chuvas, as plantas brotam, florescem e frutificam.” (GARCIA, 2018 p. 161). Portanto, tendo uma abordagem simplista da caatinga, dado que o livro didático deve fazer menção sobre a caatinga ser um bioma exclusivo brasileiro que concentra uma riqueza endêmica, mas também se encontra bastante degradado por causa de práticas antrópicas conservadoras e inapropriadas, assim precisando urgentemente ser preservada.

Por outro lado, apesar de uma explicação simplista, há de destacar o cuidado da autora em esclarecer que a caatinga é seca, perde folhas, mas também é verde, floresce e frutificam na época de chuvas, além disso mostrar uma imagem da caatinga verde na página 166. Dessa maneira, tem uma ruptura da visão tradicionalista preconceituosa que remete sempre a uma caatinga seca, pobre. Barros (2004) explica que falar sobre a caatinga, primeiro há de esquecer conceitos preconceituosos ligados a este bioma, uma vez que possui uma beleza paisagística exorbitante e uma grande biodiversidade, inclusive com muitas espécies endêmicas. Diante disso, deve-se ser considerada um patrimônio biológico.

Na página 162, o livro aborda o tópico Relevo e hidrografia explicando que a região Nordeste “é composta por áreas de baixas altitudes quanto por outras mais elevadas, como a serra da Borborema, com altitudes que variam entre 500 e 1220 metros, e a chapada Diamantina, com altitudes que ultrapassam 1800 metros” (GARCIA, 2018 p.162). Sendo assim, definir o

relevo nordestino apenas pela altitude, não detalhando os conceitos de depressões, planícies, planaltos e sequer mostrar a localização desses na região, é uma síntese pobre.

Nesse sentido, os livros didáticos devem ao explicar o relevo nordestino citar suas altitudes, mas também trabalhar os conceitos de planícies, depressão, planaltos, pedimentos, pediplanos e inselbergues como também trazer imagens ilustrativas e mostrar suas localizações. Pois este tema é muito importante para assuntos como clima, visto que planalto da Borborema tem uma influência no clima semiárido.

Ainda no tópico relevo e hidrografia, o livro menciona o rio São Francisco, destacando apenas o fato de ser perene e ser utilizado como fonte de geração de energia elétrica. Entretanto, seria pertinente o livro ressaltar que o rio São Francisco é um importante fator de desenvolvimento para o Sertão, posto que municípios como Petrolina-PE e Juazeiro-BA são exemplos que mostram que é possível produzir em grande escala no semiárido, uma vez que vislumbram uma prosperidade econômica pautada em um modelo de agricultura irrigada que fez esses municípios atingir a liderança nacional de produção de uva e de manga (SILVA et al., 2010).

Na página 164, a autora traz as sub-regiões do Nordeste, sendo estas: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte. A autora explica que a Zona da Mata é uma região litorânea que possui um clima quente e úmido, possui a vegetação Mata Atlântica; o Agreste é uma zona de transição entre a Zona da Mata e o Sertão, assim tem locais com clima úmidos, mas também existe trechos secos; o Sertão é uma sub-região que possui o clima semiárido, isto é, clima quente e seco e possuindo uma vegetação de caatinga; o Meio Norte seria uma zona de transição entre o Sertão e a Amazônia.

Na página 166, o livro apresenta o capítulo “a seca no Sertão do Nordeste”. Neste capítulo, há o esclarecimento que o Sertão Nordestino possui o clima semiárido, o qual é o mais seco do país. Também enfatiza o fato de ser um clima que possui uma má distribuição de chuvas, assim ocasionando um longo período sem precipitação. Assim, quando as chuvas não chegam a determinado período do ano, começa a seca no sertão nordestino. A autora, neste capítulo, procura não somente apresentar a seca no sertão, mas também os fatores climáticos que contribuem para a seca.

Nessa perspectiva, o livro explica, na página 167, o conceito de El Niño que é o aquecimento anormal das águas do Oceano pacífico, não suficiente, também esclarece como esse fator climático influencia no sertão nordestino ao dizer “com o El Niño, uma zona de alta pressão atmosférica se estabelece sobre o Sertão, impedindo que as massas de ar úmidas, que vêm da Amazônia e do oceano Atlântico, cheguem à região” (GARCIA, 2018 p.167). Além

disso, a autora revela a influência do relevo nordestino para a escassez de precipitação no semiárido, já que “as altitudes mais elevadas ao longo da faixa litorânea, principalmente as encostas íngremes do planalto da Borborema, que se estende desde o Rio grande do Norte até Alagoas, funcionam como uma barreira aos ventos úmidos que sopram do oceano.” (GARCIA, 2018 p. 167)

Diante desse cenário, a preocupação em mostrar os processos relacionados à seca no semiárido é bastante positivo, fazendo assim os discentes não apenas decorar que nessa região ocorre a seca, e sim entender a dinâmica climatológica envolvida nesse período de estiagem.

Na página 170, o capítulo População da Região Nordeste. Neste capítulo a autora enfatiza o fato de a população nordestina ser formada por uma miscigenação entre os negros africanos, indígenas e brancos europeus; também acrescenta que a distribuição da população na região Nordeste é desigual, tendo uma maior concentração na Zona da Mata, em contrapartida no Sertão e no Meio Norte são zonas menos povoadas. No tópico Migração nordestina, agora na página 171, o livro apresenta a seca como a causa da migração nordestina para grandes centros urbanos, exemplo: São Paulo e Rio de Janeiro.

Todavia, o livro didático deve esclarecer que a seca, apesar de ser um dos fatores, não foi o único como é entendido no livro, posto que no século XX havia uma concentração industrial no Sudeste e Sul que resultou em um crescimento econômico nessas regiões. Assim, os emigrantes nordestinos saíam, independentemente de estarem em época de estiagem, do sertão na esperança de possíveis oportunidades e benefícios do desenvolvimento econômico, oportunidades essas que não existiam no sertão (FERRARI, 2005).

Silva (2020) ainda complementa dizendo que atribuir à seca a culpa do atraso econômico do Nordeste é esquecer o histórico de práticas pautadas no discurso de combate que mostraram ser ineficientes e que acabou criando ainda mais desigualdades nessa região, por exemplo, a criação de açudes que ocasionou a concentração de água e dificultou o acesso.

Nas páginas 172 a 173, o livro aborda a cultura nordestina (tabela 1) ressaltando a importância de discutir essa cultura rica. A autora argumenta que conhecer a cultura do nordeste, conseqüentemente vivência a trajetória desse povo, do lugar, do seu cotidiano e dos valores que cultivam. Entre as manifestações culturais mostradas nos livros estão às festas do São João, o Caruru, artesanato que são bastante disseminados no semiárido.

Quadro 1 – Cultura Nordestina

Elementos culturais	Conceito
Artesanato	Grande parte do artesanato regional é produzida com matérias-primas da fauna e da flora local, como areia colorida, o barro, o couro, madeira, a casa do coco e a palha da juta.
Festa do São João	Foi trazida pelos jesuítas europeus e tornou-se popular na região. Com o tempo, a tradição de festas juninas se espalhou pelo Brasil. No entanto, sua manifestação mais expressiva ainda é no Nordeste. A festa reúne quadrilha, fogueira, shows, comidas típicas, entre outros elementos juninos.
Culinária Nordestina	A culinária nordestina é bem conhecida em todo o Brasil. Ela mistura características de culinária típica dos indígenas, dos africanos e dos colonizadores europeus. São exemplos: acarajé, caruru, vatapá, tapioca, moqueca, carne de sol, cuscuz, mungunzá, queijo coalho e rapadura.
Carnaval	O carnaval é considerado a maior manifestação cultural popular brasileira. Essa festa mistura elementos das culturas africanas, indígena e europeia. No Nordeste, ele é comemorado de diversas maneiras, todas elas com características muito próprias.
Ritmo Frevo	Em Recife, a festa de carnaval embalada pelo ritmo frevo, uma dança individual, de ritmo rápido que o dançarino utiliza uma sombrinha colorida.

Bonecos de Olinda	Em Olinda, a festa do carnaval é utilizada com o acompanhamento dos típicos bonecos gigantes. Esses bonecos muitas vezes representam famosos, artistas, políticos.
Festa de Maracatu	Os habitantes da zona da Mata comemoram o carnaval com o Maracatu rural, uma manifestação marcada por cantos acompanhados pelo ritmo de instrumentos como bombo, clarinete e trompete.

(Fonte: Garcia, 2018)

Esse cuidado em abordar a diversidade cultural do Nordeste é importante, pois de acordo com Silva (2008) o livro didático é um dos principais meios de preservação da cultura do Nordeste, pois esses materiais podem mostrar a heterogeneidade da cultura nordestina que antes era homogeneizada pelas elites.

Na página 174, o tópico Seca: um problema climático. Neste tópico a autora discute as políticas públicas de combate à seca que predominou no semiárido brasileiro. O livro salienta que essas ações públicas são paliativas e que servem, acima de tudo, para beneficiar próprios políticos, invés do sertanejo. Entre as ações de combate à seca, é citada a construção de açudes, carros pipas. Dessa forma, nota-se no livro que tem uma criticidade com essas intervenções da indústria da seca, porém não tem nenhuma menção sobre a política de convivência com semiárido que procurar mudar essa visão de semiárido inóspito.

Assim, entende-se que nesta página seria importante explicar sobre a proposta de convivência com semiárido, dado que essa nova concepção de desenvolvimento sustentável do semiárido procura construir ou resgatar as interações do homem com a natureza com objetivo de melhorar a qualidade de vida dos habitantes através de atividades econômicas viáveis (SILVA, 2006).

Silva (2006) ainda acrescenta que a política de convivência com semiárido não é somente desenvolver tecnologias para melhorar a vida do povo, mas também dar sentido a convivência através de uma proposta de cultura que almeja contextualizar conhecimento e práticas, logo, não desconsiderando as interpretações imaginárias do sertanejo. Sendo assim, ser fundamental que o livro didático aborde o discurso de convivência com o semiárido.

Apesar de não mencionar sobre a temática convivência com semiárido, o livro traz umas das políticas mais eficientes dessa estratégia de desenvolvimento, sendo esta: Cisterna. Na página 175, a autora disserta sobre o uso de cisternas no semiárido sendo umas das atitudes

inteligentes para se precaver da estiagem; todavia, destaca que essa alternativa não alcança a todos os sertanejos, pois em alguns lugares não existe apoio público para financiar esse projeto. Á vista disso, ao falar sobre cisterna, o livro faz o exercício de disseminar ações eficientes de armazenamento de água, posto que de acordo com Lins (2010) raramente é discutido nos livros didáticos tecnologias de convivência com semiárido e os alunos dessa região acabam sofrendo com a falta de informações.

Na página 176, autora discute a transposição do rio São Francisco ao afirmar que essa obra está “entre as ações promovidas pelo governo federal para combater os efeitos da seca está o projeto que prevê a transposição das águas do rio São Francisco. Ele consiste em bombear parte das águas do rio até as áreas do interior do Sertão Nordestino” (GARCIA, 2018 p. 176). Apesar de não ser o objetivo de o presente trabalho fazer uma análise gramatical, não há de negar que certas palavras possuem um significado em determinado contexto. Nesse sentido, percebe-se então que a autora ao usar o termo “combater” remete a um pensamento antiquado, pois essa a ideia de enfrentar o fenômeno da seca está ultrapassada.

Diante dessa situação, o livro didático deve procurar não utilizar a palavra combate, pois este nome está carregado de significados equivocados e ações intervencionistas que mostraram ser improdutivas. Á vista disso, os livros devem utilizar palavras, por exemplo: convivência com a seca, adaptar a seca, tecnologia de acesso a água durante todo ano.

Na página 178 traz o último capítulo chamado de Economia do Nordeste. Inicialmente o livro aborda o tópico Agropecuária dizendo que esse setor vem impulsionando a economia do Nordeste. A autora alega que “muitas áreas do Nordeste, inclusive aquelas localizadas em pleno Sertão, vêm se tornando importantes polos de produção agrícola, com lavouras irrigadas que produzem frutas, como melão, maçã, mamão, manga, caju e uva, além de café, soja e arroz.” (GARCIA, 2018 p. 178). Já na página 179, o livro cita a produção de leite e derivados, pequenas lavouras no sertão nordestino como sendo atividades importantes para os moradores e ainda destaca a criação de caprinos nessa região.

Dessa maneira, observa-se que a autora informa que o sertão nordestino também está crescendo economicamente; essa menção é fundamental, em virtude de os livros didáticos normalmente mostrar o semiárido pobre. Perante o exposto, é importante registrar que o semiárido não está parado economicamente.

Considerações finais

O livro didático é um material pedagógico muito importante no processo de ensino-aprendizagem, pois ele não apenas aborda os conteúdos que serão trabalhados em sala, mas também traz orientações pertinentes ao professor. Entretanto, deve-se salientar que esse material dissemina uma visão de mundo dos seus criadores, estes podem trazer uma visão tendenciosa. Nesse sentido, é valioso ter uma observação atenta ao livro didático. E é nesta perspectiva que surge o presente trabalho, visto que procura fazer uma análise da abordagem do semiárido no livro didático do sétimo ano de geografia, a partir do contexto de Filadélfia-BA.

É relevante ressaltar que o semiárido brasileiro historicamente foi taxado de uma região de pobreza, sem possibilidades de desenvolvimento por causa exclusivamente de seu clima. Todavia, sabe-se hoje que a existência desse atraso econômico foi devido a práticas políticas ineficazes que procuravam beneficiar grandes fazendeiros, invés do povo. Essas ações públicas impróprias foram baseadas em um discurso de combate à seca, isto é, de não aceitação do clima semiárido.

Dessa maneira, observa-se no livro estudado que, ao abordar a região do semiárido brasileiro, ainda procura culpar o fenômeno da seca pelos problemas sócias existente nessa região. O livro também evidencia um erro frequentemente visto nos livros didáticos que é a pouca relevância que se dá a nova lógica de desenvolvimento pautada na convivência com semiárido, posto que em nenhum momento cita essa nova concepção. Essa insensibilidade de não mencionar a prática de convivência com semiárido é inadmissível, dado que essa nova política se pauta em uma construção de conhecimento sobre a região, assim procurando entende-la para criar mecanismo que possam facilitar a vida do sertanejo.

Cabe acrescentar ainda que, no livro de Valquíria Pires Garcia, apresenta um mapa de delimitação incorreto do semiárido, uma vez que não exhibe a porção central da Bahia, faixas do Maranhão e o norte de Minas Gerais como pertencentes à semiaridez. Esse erro cria uma ilusão que apenas na região do Nordeste tem o clima semiárido.

Por outro lado, não pode deixar de expor que o livro de Valquíria Pires Garcia traz algumas abordagens interessantes, sendo uma delas é que possui uma criticidade quanto a ações da indústria da seca, ou seja, mostrando serem práticas paliativas. O livro também destaca que o sertão nordestino nos últimos anos vem crescendo na produção agrícola, essa afirmação é bastante oportuna devido o semiárido ser normalmente exposto como uma região estática economicamente. Outra abordagem interessante, apesar de muito sucinta, é a importância que autora dá em salientar uma caatinga verde e viva.

Portanto, diante dos fatos mencionados, o objetivo do presente trabalho foi cumprido e que, apesar de muitos avanços, os livros didáticos ainda persistem em erros conhecidos. Assim, o corrente trabalho procura também instigar novas pesquisas sobre o tema, já que o semiárido brasileiro é imaginado de muito preconceito e é preciso superá-los. Para isso é necessário muito estudo e dá ainda mais visibilidade a estes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ALVES, Joselma Ferreira. **Fundamentando o uso do livro didático de geografia no ensino fundamental**: na perspectiva da educação contextualizada para o Semiárido Brasileiro. 2017. 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2017.

BARROS, Aidil, Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Editora Pearson Universidades; 3ª edição, São Paulo, SP, 2007.

BARROS, M. L. B. In: SILVA, J. M. C. *et al.* (Coord.). **Biodiversidade da caatinga**: áreas e ações prioritárias para a conservação. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Em Foco: História, produção e memória do livro didático**. Educação e Pesquisa, v. 30, n.3, Apresentação, Set/Dez. 2004

BITTENCOURT, Cincer Maria Fernandes. **Livros Didáticos**: concepções e usos. Recife: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, 1997. (coleção Qualidade do Ensino; Série Formação do Professor).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. **O Professor e a geografia ensinada nos anos iniciais**. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza M. de.; FERREIRA, Joseane Abílio de S. **Formação, Pesquisa e Práticas Docentes**: Reformas Curriculares em Questão. João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

CARVALHO, Luzineide Dourado. Um sentido de pertencimento ao território semiárido brasileiro: a resignificação da territorialidade sertaneja pela convivência. **Revista de Geografia - UFPE**, São Cristóvão, v. 28, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/228949/23359>. Acesso em: 20 de out. de 2021.

CARVALHO, Lineide Dourado. **Os saberes tecidos no contexto**: a vertente educativa da convivência com o semiárido fundamentando novas práticas e metodologias pautadas na contextualização. In: seminário de educação do campo e contemporaneidade, 3. Salvador. 2012.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros didáticos e das edições didáticas**: sobre o estado da arte. Educ. Pesqui. V. 30. Set-Dez/ 2004. P. 549-566.

CONTI, L. I.; SCHROEDER, E. **Convivência com o semiárido brasileiro**: autonomia e protagonismo social. Brasília: IABS, 2013.

FARIAS, Lia Moreira. MARQUESAN, Fábio Freitas. Educação (contextualizada) no Semiárido Nordeste. **IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**, Porto Alegre, out. 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/221>. Acesso em: 24 de out. de 2021.

FERRARI, Monia de Melo. **A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) – seca e desigualdades regionais**. 2005, p. 169. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GARCIA, Valquiria Pires. **Convergências Geografia**: ensino fundamental. 2 ed. São Paulo: Edições SM, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Economia de Filadélfia-BA**. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/filadelfia/panorama>. Acesso: 20 de set. de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Educação de Filadélfia-BA**. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/filadelfia/panorama>. Acesso: 20 de set. de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Índice de Desenvolvimento Humano de Filadélfia-BA**. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/filadelfia/pesquisa/37/30255>. Acesso: 20 de nov. de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **População de Filadélfia-BA**. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/filadelfia/panorama>. Acesso: 20 de set. de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Território e Ambiente de Filadélfia-BA**. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/filadelfia/panorama>. Acesso: 20 de set. de 2021.

LINS, Claudia Maisa Antunes. **Conhecendo o Semiárido 1 e 2** – Narrativas de uma Experiência. 2010, p. 219. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MACÊDO, H. C. de. Refletindo sobre o espaço vivido: o lugar na construção dos conhecimentos geográficos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v.5,n.10, jul./des, p. 152-165, 2015.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido- uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.

MARINHO. R. **Semiárido, uma visão holística**. Brasília: Confea, 2006.

MATTOS, Beatriz Helena. **Natureza e Sociedade no Semiárido Brasileiro**: um processo de aprendizagem social? In: KUSTER, Ângela et al. (Org). **Educação no contexto do Semiárido Brasileiro**. Fundação Konrad Adenauer, Fortaleza, 2004.

MENEZES, A. V. C. **Estado e Organização do Espaço Semiárido do Sertão Sergipano**. Aracaju: UFS/NPGeo, 1999.

MESQUITA, T.P.N.; NASCIMENTO, H.H.D. **O Semiárido Nordeste na sala de aula**: uma proposta de transversalidade para os anos finais do Ensino Fundamental. 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Andreia de Sousa. **O semiárido nordestino nos livros didáticos de geografia do 7º ano do ensino fundamental**. 2019. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB, 2019.

SÁ, Maria Aparecida Sousa Silva. Aprendendo e produzindo histórias sobre o semiárido: um relato de experiência da produção coletiva de um livro paradidático. **Revista Geosertões**, Campina Grande, n. 4, dez. 2019. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/1372/pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2021.

SILVA, Carlos Augusto G. Cavalcante da. **A diversidade cultural do Nordeste brasileiro nos livros didáticos de Geografia do ensino médio**. 2008. P. 117. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós - Graduação em Educação- CEDU, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SILVA, Carlos Gama et al. **Caracterização do Semiárido brasileiro**: fatores naturais e humanos. Brasília- DF. 2010. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/861906/caracterizacao-do-semiarido-brasileiro-fatores-naturais-e-humanos>. Acesso em: 17 de set. de 2021.

SILVA, Cássia M. P. Peixoto da. **Paisagem Sertaneja: Apreendendo Imagens do Semiárido Nordeste à Luz das Suas Representações**. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SILVA, Clara Lucivania. **O semiárido brasileiro na visão dos livros didáticos de história e geografia no ensino fundamental adotados por duas escolas do sistema municipal e estadual em Sumé-PB.** 2011. 65 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro) – Universidade Federal de Campina Grande, Sumé-PB, 2011.

SILVA, Jeane Medeiros. **A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de Geografia na ótica da análise do discurso.** 2006. 275 p. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16146>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

SILVA, M. S. F. da; SILVA, E. G. da. O Ensino da Geografia e a Construção dos conceitos Geográficos. **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade Anais.** São Cristóvão- SE, 20 a 22 de setembro de 2012.

SILVA, Maicon Miguel Vieira; DINIZ, Paulo Cesar Oliveira; MEDEIROS, Paulo da Costa. Conflitos pelo acesso à água: impactos da Transposição do rio São Francisco sobre a bila Lafayete, Monteiro/PB. **Desenvolvimento do Meio Ambiente.** v. 55. Edição especial – sociedade e ambiente no Semiárido: controvérsias e abordagens. P. 166-185, dez. 2020. Disponível: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/73793/42379>. Acesso: 22 de set. de 2021.

SILVA, Roberto Marinho Alves. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento.** 2006. 298.p (tese de doutorado de Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Política e Gestão Ambiental) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2006.

SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE - SUDENE. **Delimitação do semiárido.** Recife-PE, 2017. Disponível: <http://antigo.sudene.gov.br/delimitacao-do-semiarido>. Acesso: 26 de nov. 2021.

OLIVEIRA, Juliana Barreto Faria. Ideologias nos livros didáticos: reflexões metodológicas. **Caderno de Educação,** v.13, n.26, 2014. Disponível: <http://dx.doi.org/10.15603/1679-8104/ce.n26p57-72>. Acesso em: 23 de jul. de 2021.